

RESENHA

INSURGENTE E CRUCIAL

A obra de Ercília Nogueira Cobra reeditada e comentada

Sueleny Ribeiro Carvalho⁷⁴

COBRA, E. N. *Virgindade inútil e anti-higiênica*: Virgindade anti-higiênica - preconceitos e convenções hipócritas, de 1924, Virgindade inútil – novela de uma revoltada, de 1927. Belo Horizonte: Editoras Luas, 2021.

Virgindade inútil e anti-higiênica oferece a possibilidade de conhecermos, em uma só obra, as duas publicações mais relevantes de Ercília Nogueira Cobra⁷⁵: *Virgindade Anti-higiênica – preconceitos e convenções hipócritas*, (1924) e *Virgindade inútil – novela de uma revoltada*, (1927). A obra publicada pela editora Luas – editora que publica exclusivamente obras de autoria de mulheres como parte do projeto de resgate, reconhecimento e inserção de escritoras no cenário literário brasileiro – compõe a **Coleção Precursoras**, formada de livros reeditado de autoria de mulheres do século XIX e início do século XX. Nessa edição, de 2021, encontramos, ainda, estudos e notas de Imaculada Nascimento, a cronologia de vida e obra da autora em questão, além de sua bibliografia. Os textos de Ercília Cobra tratam de reprodução,

⁷⁴ Bolsista PDJ - Pós-doutorado Junior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Doutora em Letras/Estudos Literários - Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Interdisciplinaridade - pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Mestre em Letras/Estudos Literários - Linha de Pesquisa: Literatura e Sociedade - pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí. Especialista em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Piauí e Graduação/Licenciatura Plena em Letras - Português pela Universidade Federal do Piauí. Professora efetiva de Língua Portuguesa pela Secretaria Municipal de Educação de Timon. Integra o Grupo de pesquisa "Trânsitos teóricos e deslocamentos epistêmicos: feminismo(s), estudos de gênero e teoria queer" (CNPq/UFSM), como Pesquisadora, sob coordenação do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós. E-mail: suelenycarvalho73@gmail.com

⁷⁵ Nasceu em 1891 em Mococa, São Paulo. Filha de família abastada, estudou em colégio de freiras e formou-se em Magistério, porém, não chegou a exercer plenamente a profissão. Publicou somente duas obras, um ensaio e uma novela literária – ambas reproduzidas na edição em questão – Foi censurada e excluída do elenco literário, não apenas a obra, mas a própria autora sofreu perseguições em consequência da “ousadia” de seus escritos, motivo pelo qual foi presa e torturada diversas vezes durante o Estado Novo. Não se sabe ao certo, nem local nem ano de seu falecimento.

revisada e atualizada, dos originais existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e cotejo do original *Visões do passado previsões do futuro – Duas modernistas esquecidas* (1996), publicado pela editora da UFG em 1996.

O estudo de Imaculada Nascimento

Neste estudo, a pesquisadora fornece um introdutório à vida e obra de Ercília Nogueira Cobra. Em uma análise cuidadosa que considera o contexto e seus fatores socioculturais, econômicos, políticos e filosóficos, além da efervescência científica e artística que movimentava o cenário brasileiro à época. Imaculada Nascimento considera a relação da escritora com o feminismo, embora Ercília Cobra não se defina como feminista, o conteúdo de suas obras confirma essa afirmação, muito bem defendida por Nascimento. Além disso, o estudo apresenta, de modo breve, mas cuidadosamente analisada em seus por menores, a relação dos escritos de Ercília Cobra – o ensaio e a novela – com a primeira fase do Modernismo brasileiro, em ebulição naquele momento, e possibilita, também, o apreço sobre a história de vida da autora que, provavelmente, influenciaram na produção de *Virgindade inútil – novela de uma revoltada*, sua origem, fatos específicos de sua história desde o casamento dos pais, nascimento e formação escolar da escritora, falência da família, morte do avô e “fuga” para a Capital. Por fim, o texto traz também as consequências das publicações tanto na sociedade da época quanto na vida da autora que passou a sofrer perseguições em todas as esferas: financeira, educacional, emocional, política e social ao longo de toda a sua vida de adulta, tendo sido presa e torturada por diversas vezes entre 1937 e 1945, e desaparecido completamente do cenário cultural brasileiro.

O estudo de Imaculada Nascimento prepara o leitor para o encontro com um olhar profundo e direto sobre a condição da mulher no início do século XX, a partir de um tom contundente e voraz que proclamava a liberdade sexual da mulher e a conquista dos direitos à educação e ao trabalho digno em igualdade de condição com os homens.

As obras de Ercília Cobra:

Virgindade Anti-higiênica – preconceitos e convenções hipócritas

O texto compilado trata-se da reprodução de uma edição da autora (s/d), publicado posteriormente à primeira edição de 1924, que foi imediatamente censurado e apreendido pela polícia a pretexto de ser pornográfico. Portanto, na edição em questão, a escritora acrescenta alguns preâmbulos que comentam o fato e esclarecem sobre o objetivo do livro, que teria sido escrito com “o único fito de mostrar o quanto é errada a educação que se vem ministrando à mulher” (COBRA, 2021, p. 56). A edição da autora contém ainda nota da segunda edição, e uma missiva “AOS LEITORES” em que ela adverte não ter pretensões literárias em sua publicação, pois “seu fim único é dizer verdades” (COBRA, 2021, p. 61). Essa advertência antecipa o tom e o conteúdo do ensaio constituído de um libelo contra a hipocrisia dominante na sociedade da época.

Ercília Cobra denuncia a desigualdade de gênero e o tratamento autoritário ministrado às mulheres a pretexto da moral e da religião a começar pelas relações domésticas e a carga excessiva de trabalho destinada às mulheres, embora mal remuneradas, e aponta as obrigações diárias da mulher no interior do lar como um fardo a mais a ser suportado por todas, sobretudo as mulheres da classe trabalhadora que acumulam obrigações dentro e fora de casa e ainda recebem salários inferiores aos dos homens.

Às mulheres, quando conseguem casar e constituir família, incubem zelar pela cozinha, pela lavanderia, pela rouparia, todos os serviços, enfim pequenos, mais exasperantes de uma casa.

[...]

No meio operário é horrível o que se vê. A mulher, além de ir à fábrica, tem que cuidar da casa e dos filhos.

O marido ao chegar em casa acha a comida feita: come e vai sentar-se à fresca para fumar. Descansa, e a mulher não.

Mas na fábrica o ordenado da mulher é inferior ao do homem...

Nas fazendas o que se observa é de arrepiar.

[...]

Quem primeiro se levanta de madrugada e quem se deita por último à noite é a mulher.

Mesmo grávida trabalha até a véspera de ter o filho (COBRA, 2021. p. 64-65).

Para a ensaísta, a precária educação destinada às mulheres, quando estas têm acesso, limita-se ao ensino religioso e ao preparo para a vida doméstica como responsáveis pelo cuidado

do marido e dos filhos, portanto, a educação não prepara as mulheres nem para a vida nem para o trabalho, visto que os ofícios mais bem remunerados exigem mão de obra especializada, fato apontado por ela, também como causa da prostituição, pois segundo afirma, a maioria das mulheres que se encontram na prostituição tornaram-se prostitutas por falta de preparo para um trabalho “digno”.

A negação ao acesso a uma educação especializada e a não ocupação dos espaços representativos nas esferas do trabalho qualificado seriam justificados por uma suposta inferioridade da mulher. Essa inferioridade é combatida pela autora a qual defende que de fato, as mulheres tornam-se inferiores em consequência da educação precária e das limitações impostas a elas a pretexto da moral e da religião. Para Ercília Cobra, apesar dos avanços científicos e tecnológicos, ovacionados pelos intelectuais da época, o modo como os discursos médicos, psicológicos, filosóficos se referiam à mulher permaneceu quase que inalterado desde a idade média, a começar pela questão da sexualidade e a imposição da virgindade que ela considera ante fisiológica e nociva à saúde mental das mulheres. A esse respeito, Ercília Cobra fundamenta seus argumentos em estudos próprios e no conhecimento das teses levantadas por seus contemporâneos, médicos, anatomistas, psicólogos e escritores como Anatole France, Jean Maretau, Freud e Clifford Whittingham Beers. Este último teria sido criador do conceito de higiene mental, conceito, este, presente no título do livro e que tem relação com o estado de saúde mental.

Não se pode controlar sensações físicas.

Não se pode colocar a honra, uma coisa abstrata e ideal no lugar menos nobre do animal racional.

Seria absurdo! Seria ridículo, se não fosse perverso.

A mulher não pensa com a vagina nem com o útero.

[...]

O ente humano pode conseguir pela educação a chegar a não matar, não roubar, não meter o dedo no nariz; nunca poderá, porém, deixar de comer, de beber ou de satisfazer seus desejos sexuais sem grave risco para a saúde (COBRA, 2021, p. 74-75).

Em seu ensaio, a escritora considera que, em consequência dessa moral e da religião fundamentadas em padrões ultrapassados, as mulheres são atiradas à vida sem nenhum preparo, fato que acarreta em uma série de problemas, além da incapacidade para o trabalho, as meninas seriam presas fáceis para os sedutores de plantão, que, após satisfazerem seus desejos, abandonam uma legião de infelizes, as quais, depois de abandonadas pela família, engrossam o

coro das prostitutas, das suicidas e/ou das “homicidas” pela prática do aborto e do infanticídio. As casadas, quase sempre, também não escapam à violência doméstica e ao feminicídio, tema tratado em uma época em que o termo ainda não havia sido cogitado.

Outra questão, antecipada pela autora, é o controle da natalidade, Ercília Cobra defende a liberdade sexual da mulher com responsabilidade, ou seja, que elas sejam livres para gozarem os prazeres do sexo com quem desejarem, mas que sejam prudentes e tomem as devidas precauções a fim de não terem filhos e, caso decidam os ter, que tenham liberdade e capacidade para trabalhar e sustentar sua prole sem depender de um homem para isso.

Enfim, muito adiante de seu tempo, a autora expõe uma série de questões caras, não só para as mulheres, mas para o pleno desenvolvimento da sociedade em benefício da igualdade e da equidade entre os seres.

Virgindade Inútil – Novela de uma revoltada

A narrativa ficcional de Ercília Cobra, de certo modo, busca comprovar a tese defendida por ela no ensaio que lhe é anterior, em *Virgindade inútil – Novela de uma revoltada*, a defesa da liberdade sexual da mulher, assim como a relação entre o problema da interdição do sexo e o desequilíbrio socioeconômico e político educacional predominante na sociedade patriarcal, acontece por meio de sua protagonista, Cláudia, cuja inteligência compensa a precária educação recebida em um colégio de freiras. Com a morte do avô e a falência da família, a protagonista rejeita o destino imposto a ela – casar-se com um velho viúvo rico, único pretendente possível por não ter um dote – “amava demais a vida para sacrificá-la a um velho que podia ser seu avô” (COBRA, 1996, p. 51) e resolve sair de casa, partindo para Flumen – cidade fictícia, capital do país também fictício: Bocolândia. Na luta pela liberdade, Cláudia enfrenta inúmeros desafios e percebe que a mulher só tem valor quando sob a tutela de um guardião – pai, marido, irmão etc. – além do que, a precária educação que recebera, assim como a maioria das mulheres de sua época, não lhe permite conquistar nenhum emprego digno, sendo obrigada a se prostituir para suprir suas necessidades básicas. A condição de prostituta permite à personagem experimentar tanto as mazelas infligidas à profissão quanto aos prazeres permitidos a ela. Por fim, a narrativa encerra-se de maneira utópica, após Cláudia ter uma filha e nomeá-la de Liberdade. A narrativa

finaliza com a chegada e estabelecimento de Cláudia em Paris, lugar escolhido pela personagem para criar e educar a sua filha a fim de prepará-la para o mundo.

Embora publicada na década de 1920 e, em muitos momentos, ambas as obras apresentem marcas de certas ideologias e estereótipos dominantes na época, a obra de Ercília Cobra permanece atual, visto que, um século depois de sua publicação, a ideologia a respeito do papel da mulher na sociedade permanece ainda viva, sustentada pelos preceitos morais e religiosos que ainda se mantêm como verdade “universal” e que influenciam nos modos de representação da mulher na sociedade, na desigualdade de gênero e em inúmeros problemas políticos, sociais, econômicos que ainda perduram até os dias atuais como a desigualdade salarial, a violência, o estupro e o feminicídio. Talvez essa seja a verdade mais assustadora que a leitura nos revele.